

## O VELHO NOVO MUNDO: A AMAZÔNIA DOS VIAJANTES NATURALISTAS

### THE OLD NEW WORLD: THE AMAZON OF THE NATURALIST TRAVELERS



DÉBORAH TAYS SILVA DOS SANTOS<sup>113</sup>

#### Resumo

O presente artigo tem por objetivo discutir a construção de uma narrativa estrangeira que inventou a Amazônia brasileira durante o século XIX. A cristalização de discursos baseados em ideais científicos vigentes na época criou um espaço político, social e econômico partindo do olhar ocidental, influenciando no imaginário reproduzido sobre a Amazônia no Velho Mundo, bem como de seus sujeitos e costumes. Para entender qual era essa representação realizaremos uma revisão de estudos contemporâneos como Mary Louise Pratt (1999), José Carlos Reis (2002), Lilian Schwarcz (1993), Hideraldo Costa (2013) e Neide Gondim (2019), que analisaram aspectos relativos a viajantes naturalistas que estiveram na Amazônia, dentre eles Henry W. Bates, Alfred Wallace e Louis Agassiz. Ao longo deste estudo se percebe que vivemos um processo de rescrição da história com auxílio da nova história cultural, possibilitando novas leituras sobre infinitos temas.

**Palavras-chave:** Amazônia; imaginário; culturas; narrativas.

#### Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir la construcción de una narrativa extranjera que inventó la Amazonía brasileña durante el siglo XIX. La cristalización de discursos basados en ideales científicos imperantes en la época creó un espacio político, social y económico desde el punto de vista occidental, incidiendo en el imaginario reproducido sobre la Amazonía en el Viejo Mundo, así como sus sujetos y costumbres. Para comprender en qué consistía esta representación, realizaremos una revisión de estudios contemporâneos como Mary Louise Pratt (1999), José Carlos Reis (2002), Lilian Schwarcz (1993), Hideraldo Costa (2013) y Neide Gondim (2019), quien analizó aspectos relacionados con los viajeros naturalistas que estuvieron en la Amazonía, entre ellos Henry W. Bates, Alfred Wallace y Louis Agassiz. A lo largo de este estudio, es claro que estamos viviendo un proceso de reescritura de la historia con la ayuda de la nueva historia cultural, possibilitando nuevas lecturas sobre infinitos temas.

**Palabras clave:** Amazonas; imaginario; culturas; narrativas.

#### Introdução

Cientistas naturalistas de diferentes partes do mundo se ocuparam a montar coleções e escrever livros que contassem o que era experimentado. Atualmente, essas

---

<sup>113</sup> Mestranda em História: Programa de Pós-Graduação em História pela Universidade Federal do Amazonas - UFAM. Licenciada em História, pela Universidade Federal do Acre - UFAC. E-mail: [deborah\\_tays00@gmail.com](mailto:deborah_tays00@gmail.com).



obras se tornaram objeto de estudos das ciências humanas e da natureza. Ricas em informações de cunho científico, também trazem em suas linhas aspectos sociais, políticos e econômicos das cidades por onde passaram.

Os relatos de viagem desempenham papéis importantes no processo de compreensão dos discursos que estavam sendo construídos nesse período, das teorias que eram defendidas e nos impactos que causaram em toda uma sociedade. Dito isso, analisamos obras de autores com temporâneos que se dedicaram a análises mais profundas dos homens da ciência afim de entender as interpretações que são realizadas dos viajantes naturalistas nos dias atuais.

O século XIX deu conta de apresentar às sociedades europeias um novo espetáculo, as viagens científicas. Essas expedições partiam dos mais diferentes lugares do mundo para analisar os espécimes que existam no além-mar. É no meio desse fervor que a Amazônia ganha destaque nos espaços acadêmicos e científicos como destino a ser alcançado. No entanto, não se tratava da descoberta de um novo destino, mas, de vê-la com um novo propósito.

Expedições começaram a ser organizadas em prol do transporte do conhecimento científico para terras brasileiras. As inquietações resultaram em pesquisas que surgiam nos diversos campos das ciências, sobretudo, das ciências naturais. Os peixes, as plantas e os homens se tornavam objeto de interesse e estudos. José Carlos Barreiro (2002, p. 9) é pontual ao dizer que:

O novo quadro histórico inaugurado em fins do século XVIII, decorrente da descolonização, do rompimento com a metrópole e da formação do Estado Nacional, **suscita uma espécie de redescoberta e revisitação do Brasil pelos viajantes.** [...] Procedente de muitas regiões, eles percorrem todas as províncias do Brasil ao longo do século XIX, deixando seus registros minuciosos sobre aspectos múltiplos da vida social, econômica e política do país (BARREIRO, 2002, p. 9, negrito nosso).

As literaturas de viagem frutos desse período constituíram-se em documentação fundamental para consolidar o imaginário europeu sobre Brasil. A riqueza e o cuidado com os detalhes da vida cotidiana dão conta de torná-los ainda mais intensos, excluindo-os do campo da fantasia, como observamos em textos de séculos anteriores em que se buscava o paraíso perdido, para ocuparem as prateleiras de estudos das universidades.

Falamos do século da racionalidade, ou seja, do conhecimento racional, aquele que poderia ser comprovado. As descrições realizadas deveriam passar por métodos científicos comprobatórios: observação, estudos e experimentos, antes de se transformarem obras e coleções que atravessariam o mundo.



Partindo dessa perspectiva, os relatos produzidos por viajantes naturalistas<sup>114</sup> eram considerados como resultados de pesquisas científicas e possuíam certa credibilidade na sociedade letrada. Contudo, é importante reconhecer sob quais princípios esses materiais foram produzidos. Os anos oitocentos representam um momento de transformações na sociedade e na cultura, e o parâmetro empregado para definir essas mudanças será o da modernidade.

O fenômeno da modernidade cruza os oceanos e influencia as interpretações sobre o que é encontrado deste lado das águas. Para entender como ocorre esse processo e seus impactos é preciso compreender em qual espaço se dão e quem são os personagens dessa história. A linguista Mary Louise Pratt, ao analisar os olhares que se voltam para o império, nos apresenta um conceito fundamental para pensar essas relações, a chamada “zonas de contacto”. Segundo a autora, seriam os

[...] espaços sociais onde culturas díspares se encontram, se chocam, se entrelaçam uma com a outra, frequentemente em relações extremamente assimétricas de dominação e subordinação – como o colonialismo, o escravagismo, ou seus sucedâneos ora praticados em todo o mundo (PRATT, 1999, p. 27).

É na zona de contato que as ideias e costumes de diferentes povos disputam e defendem seu espaço. Na luta travada durante o século XIX, quem saía como vencedor era o “moderno”, a Europa. Isso porque são eles quem escreveram a história que ganhou destaque, e nessa versão, o processo de modernização ganha o papel de protagonista, sendo essencial para o sucesso de um roteiro que envolve progresso e desenvolvimento da sociedade brasileira, sobretudo, amazônica.

---

<sup>114</sup> Dentre esses viajantes naturalistas chamamos a atenção a três: Henry W. Bates, Alfred Wallace y Louis Agassiz. Henry W. Bates (1825-1892), foi um cientista naturalista inglês que dedicou 11 anos de sua vida (1848-1859) a pesquisas no Brasil. Defensor da teoria da evolução e seleção natural, dirigiu-se a Amazônia para obter material zoológico e botânico, garantindo um grande acervo aos museus e sendo o autor de obras que dão conta de analisar a fauna e o homem amazônico *O naturalista no rio Amazonas volume 1 e 2*. Louis Agassiz foi um cientista naturalista suíço, era o responsável pela expedição Thayer que esteve no Brasil durante os anos de 1865 a 1866 e junto com sua esposa Elisabeth Agassiz produziram a obra *Viagem ao Brasil 1865-1866*, montando uma coleção riquíssima da fauna e flora não só da Amazônia, mas também de outras regiões do país, dedicaram espaço ainda para o estudo do homem amazônico. Apesar do pouco tempo de trabalho de campo, Agassiz influenciou diversos estudiosos e seus materiais são objetos de estudos atualmente. Acompanhado de sua esposa Elisabeth Agassiz que foi a cronista da expedição, responsável por escrever as experiências cotidianas da viagem, na obra percebemos que Louis aparece para dar os toques científicos, mas a maior parte da viagem é retratada por Elisabeth. O naturalista britânico Alfred Russel Wallace esteve na Amazônia no período de 1848 a 1852, na companhia de Bates dedicou-se ao estudo de aves, mas não pôde permanecer muito tempo na região por questões de saúde. Publicou o livro *A narrative of Travels on the Amazon and Rio Negro* em 1853, apesar de ter perdido grande parte do material coletado na floresta tropical brasileira em um acidente de navio. Também escreveu narrativas a respeito da população que viviam na Amazônia.



A derrota cultural a que nos referimos não significa o fim de culturas solidamente definidas ao longo de gerações, mas ocorre através do silenciamento e repressão aos hábitos e costumes desses grupos sociais. Esse mecanismo de silenciamento se constitui em uma arma perigosa para historiografia brasileira, pois dá conta de escrever um imaginário preconceituoso sobre a nação.

### **Uma história singular**

Ao retirar o protagonismo dos habitantes da região, desqualificando o espaço e os homens, a história tecida sobre a Amazônia nesse período se caracteriza como uma história singular e colonizadora. A heterogeneidade dos indivíduos e dos espaços é elemento fundamental para a compreensão de uma nação.

Nesse sentido, Miguel Nenevé e Gerson Albuquerque (2015, p. 21), nos alerta sobre ser “perigoso pensar em uma história única, um ponto de vista singular, um conhecimento exclusivo”, pois a medida em que o cientista ou o intelectual opta por fazer assim, omite partes importantes que explicam a construção da imagem daquela sociedade e de seu modo de vida.

Por exemplo, quando encontramos críticas à figura do indígena por deitar-se em uma rede no meio do dia, precisamos entender que a noção de tempo e trabalho deste sujeito é totalmente diferente das concepções vigentes na Europa naquele mesmo período cronológico. Enquanto no continente europeu o tempo é controlado pela função exercida no mercado de trabalho, sobretudo durante o processo do desenvolvimento do sistema capitalista que vivia na época, na América, as relações de trabalho se dão de acordo com o tempo da natureza. Ao desconsiderar esse aspecto, o que temos como resultado é uma ação preconceituosa de classificá-lo como sujeito preguiçoso, pois ao invés de viver para trabalhar, ele trabalha para viver.

Quando nos propomos a escrever, estamos realizando uma escolha, o autor tem em mão o poder de decidir o que será ou não será dito. Nesse caso, a escolha dos intelectuais culminou em uma história limitada a determinados pontos. Aqui trabalhamos com a ideia de colonização da escrita. Esse modelo de colonização ocorreu através do uso do recurso literário para justificar ações de dominação e controle na Amazônia.

Amarrado ao processo de descaracterização cultural veio a de superioridade social. Na construção dessa pirâmide, os locais estão claramente definidos, o topo é ocupado pelo homem branco europeu que tem a difícil missão de cuidar dos desprovidos de poderio que se encontra na base, o homem amazônico.



Para prosseguirmos com esse debate, fazemos aqui uma breve observação sobre as produções desenvolvidas nesse período, que as vezes é negligenciada ao estudarmos esses relatos de viagem, de que não eram somente os europeus que dominavam a arte da escrita. De certo que, o ocidente desempenha maior influência literária, cultural, política, etc., mas na América também eram produzidos cartas, relatórios e diários que nos permitem conhecer uma sociedade diferente da apresentada nos relatos dos viajantes naturalistas. No entanto, a análise desses documentos não cabe nesse estudo, mas abre uma infinidade de possibilidades de discussões e reflexões.

Não podemos perder de vista que o personagem criado nesses relatos é escrito através de uma análise externa, que o observa e classifica ao se encontrem na zona de contato. Sendo justamente a criação desse personagem que nos provoca certa inquietação. Ainda que estes cientistas se encontrem geograficamente na Amazônia, a descrevem como quem a olha de fora. Por esse motivo, levantamos a preocupação de revistar tais escritos e pensar a história de uma outra forma. Contudo, isso não significa jogá-los ao mar do esquecimento, desconsiderando suas contribuições teóricas e científicas de toda uma geração, mas permitir que esses textos falem o que não foi dito em séculos passados.

Dito isso, a reinvenção da Amazônia brasileira do século XIX se dará em dois momentos. O primeiro implica reconhecer o tempo e as influências intelectuais sobre a qual foi escrita, para entendê-la. O segundo, trata-se de reinterpretar os processos e seus agentes, ou seja, observar as tradições e sujeitos abandonando a perspectiva colonizadora. Ao propor-se a isso, reconheceremos a existência de uma sociedade múltipla, com populações e culturas distintas dividindo um mesmo espaço e tempo.

### **A Amazônia deles é diferente da nossa**

É reconhecendo as problemáticas encontradas nessas narrativas que consideramos crucial desmistificar a história da Amazônia produzida pelos relatos naturalistas, pois trata-se de uma história permeada de preconceitos construídos a partir do olhar desses viajantes. Nesses relatos nos deparamos com autores cujo foco eram determinados a partir de sua cultura, onde os olhos estavam treinados a fecharem-se para os diferentes sujeitos que compõem a sociedade amazônica e seus modos de vida.

Contudo, reimaginar a Amazônia que foi inventada para atender propósitos científicos, políticos e econômicos de determinados grupos, tornou-se um desafio para os historiadores de nosso século. Desafio este que exige cuidado para não cairmos no anacronismo de tratá-la a partir da nossa relação de tempo-espaço.



Esse processo de desconstrução do imaginário amazônico oitocentista se dará gradualmente no exercício de escrita do historiador, mas importante ainda lembrar que essa não é uma tarefa que ocorrerá da noite para o dia, pois exigirá anos de dedicação de linguistas, antropólogos, historiadores, arqueólogos e tantos outros profissionais do campo.

O primeiro passo a ser tomado, consiste em reconhecer a influência que os relatos de viagem representaram na era dos impérios, sobretudo, a partir de que momento deixaram de ocupar as prateleiras da aventura e fantasia para dividir o espaço nas mesas dos laboratórios dos ditos homens das ciências.

As teorias defendidas por esses homens eram reproduzidas e recebidas com grande entusiasmo pela sociedade, a ciência não poderia abrir espaço para as dúvidas. O impacto da receptividade de algumas teorias foi tanto que resultou em tentativas de mudanças estruturais da sociedade brasileira.

A exemplo desses movimentos, temos as teorias racistas e eugênicas que influenciaram na construção de uma identidade nacional brasileira durante o século XIX e XX. Após a abolição da escravidão, a realidade dos negros ainda era de extrema desigualdade e preconceitos, agora legitimados por um discurso científico trazido da Europa.

O parâmetro de comparação era o *homem branco civilizado europeu*<sup>115</sup>, portanto aquele que não se encaixasse nesses elementos, ocupava o papel de subalterno, de inferior. Esse processo de classificação era tão excludente que sequer o branco era de fato tão branco, havia ainda classificações internas, entre o branco que vivia na Amazônia e branco da Europa, o branco ideal e o branco endógeno:

[...] segundo a ótica dos viajantes, eram dois tipos de branco, com papéis e funções distintas. Para o branco ideal, de educação perfeita, o dever de ocupar os cargos administrativos para evitar a degradação moral [...] E para os brancos endógenos, já há muito estabelecidos, a obrigação de continuar apagando rastros de indianismo pelo caminho não consensual entre os viajantes, o da mestiçagem” (COSTA, 2013, p. 117).

Através dessa classificação das raças, aquele que era considerado inferior era um problema a ser combatido, vencido. Essas teorias racistas chegaram a resultar em uma tentativa de “limpeza social” da população através do embranquecimento do Brasil, que,

---

<sup>115</sup> É importante enfatizar essas características pois nos referimos a um período em que a classificação do homem em grupos sociais determinaria qual posição este ocuparia na sociedade e, conseqüentemente resultando na relação de dominação e subordinação. Essas classificações foram tão significantes que respaldavam processos de eliminação gradual de determinados grupos em detrimento a sua raça.



como sabemos, era predominantemente negro, em decorrência de seu passado recente marcado pelo escravismo.

As teorias defendidas por naturalistas continuam tendo influência até os dias atuais, onde as relações sociais permanecem sendo construídas tendo como base a classificação das raças. O racismo tornou-se um problema estrutural, ou seja, está presente nas diversas camadas da sociedade. Não pensemos nele apenas como resultado de uma teoria científica, pelo contrário, é primordial enxergá-lo como uma forma de dominação do outro e de exercício da violência. Assim, percebemos a necessidade de combatê-lo nas diferentes esferas, incluindo no campo do discurso.

A lógica sob a qual esses discursos foram se formando é a das relações comerciais de mercado<sup>116</sup> e essa forma de ver o mundo explica a metodologia determinista utilizada por esses viajantes.

Com o intuito de atender essa lógica comercial, a partir do século XVI encontramos viajantes que passaram pela região amazônica e dedicaram-se a construir um perfil preconceituoso das populações locais. Esse processo de descaracterização do ser humano, possibilita o empreendimento de ações colonizadoras. Afinal, o “bom homem branco” jamais dizimaria milhares de pessoas sem um motivo plausível, tudo o que fazia era em prol de um bem maior, segundo a sua lógica, o da modernidade.

É importante lembrar que o sucesso dessas viagens seria medido através das possibilidades de desenvolvimento econômico da região, o que resultaria ainda no fortalecimento político das nações que patrocinavam essas expedições.

### **A invenção de personagens amazônicos**

Um dos aspectos observados por esses homens da ciência foi a moral dos nativos. Para entender essa análise e questioná-la, Hideraldo Costa (2013), nos diz que é preciso analisar de que forma esses homens interpretaram a moral de tais sujeitos. Objeto de espanto e críticas em diversas situações e locais, a moral dos homens amazônicos serviu como justificativa para inferiorizar as comunidades locais.

A atenção voltou-se inicialmente aos chamados “índios puros”, aqueles que viviam à beira dos rios ou no interior da floresta. Posteriormente, esses estudos dedicaram-se àqueles que moravam nas proximidades das cidades, ou seja, os que tinham mais contato com o homem branco e os mestiços.

---

<sup>116</sup> Ver Hideraldo Costa (2013, p. 73).



Os homens da ciência, para além da moral dos povos indígenas, também lançaram seu olhar para os europeus e os seus descendentes que habitavam a região. Estes últimos deveriam ser os responsáveis por impor uma “nova moral” aos nativos desprovidos. Importante frisar que essa moral deveria ser o mais próximo possível da existente nas ditas nações modernas.

O processo de análise dos povos indígenas consistia, num primeiro momento, na comparação entre aqueles que viviam isolados em seu “estado natural” e os que mantinham relações sociais com o homem branco e mestiços<sup>117</sup>. Para o naturalista Henry Bates era preferível que o indígena vivesse em seu estado natural, do que nas cidades.

A impressão que me causou esta vista d'olhos sobre a **vida dos índios em seu estado natural**, observados da aqui e em outro grupo de casas visitado mais acima, foi proveitoso[...]. Os índios são vistos aqui sob um ângulo dos mais favoráveis; abandonaram muitas de suas práticas mais bárbaras, e **não se deixaram corromper pelo íntimo contacto com os brancos das classes inferiores e com os mestiços dos povoados civilizados**. (BATES, 1944, p. 130-131).

Tal visão do naturalista nos direciona a entender que foi criado ainda um perfil negativo acerca dos europeus que viviam na região. O discurso de H. W. Bates sugere que a melhor opção era que o indígena estivesse isolado até que o homem branco, que fosse verdadeiramente capaz de levar a civilização a eles, pudesse chegar na região. Concluimos assim, que nessa concepção, aqueles que optavam por manter-se afastados da “civilização” estariam em um patamar de superioridade acima daqueles que mantinham relações na zona de contato.

Considerar os indígenas afastados superiores aos que viviam nos entornos da cidade reforça a ideia de que os viajantes naturalistas condenavam a mestiçagem, ou seja, a troca e a assimilação de diferentes costumes e culturas. A defesa era de que o nativo deveria permanecer no seu estado mais puro até a chegada do homem branco civilizado europeu.

Ermano Stradelli, que esteve na região nos anos de 1888 e 1889, em seus textos, concorda com a visão de H. W. Bates sobre a superioridade moral dos brancos. Mas diferente de outros, defende que eles seriam os responsáveis por levá-la aos habitantes amazônicos através do processo de mestiçagem. A mestiçagem assume, nesse contexto,

---

<sup>117</sup> A mestiçagem é uma característica marcante da sociedade oitocentista no Brasil e muito debatida pelos viajantes naturalistas. Para saber mais ver: SANTOS, Déborah. Juntos e Misturados: a representação da mestiçagem nos relatos dos viajantes naturalistas Henry Walter Bates e Louis Rodolph Agassiz na Amazônia do século 19. **Das Amazônias**, Acre, v.3, n.1, p. 28-40, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/3478>. Acesso em: 20 maio 2023.





um processo de eliminação gradual do nativo, um meio para o extermínio da raça inferior. Contudo, é importante lembrar que o tempo cronológico em que Stradelli esteve na Amazônia foi de trinta anos depois que a maioria dos viajantes que serão mencionados ao longo deste trabalho.

Nos anos oitenta do século XIX, a Amazônia vivenciava um período marcado pela economia do látex. Essa economia teve fortes efeitos nos habitantes locais, pois a medida em que crescia essa atividade, o interesse do mercado mundial pela região aumentava, conseqüentemente, o espaço para os indígenas existirem em seu estado original, diminuía. Nesse momento, as terras amazônicas despertavam um interesse econômico atendendo ao propósito da atividade de extração e produção da borracha. E como sabemos, a lógica comercial básica desse sistema, implicava em possuir mão de obra barata para que os lucros fossem maiores. Nesse contexto, um novo personagem será criado, o “índio preguiçoso”.

Que personagem poderia melhor auxiliar na busca e coleta do látex do que aquele que conhecia a região? Nenhum, senão o indígena. No entanto, essa tentativa de sistematização da força de trabalho dos povos nativos não funcionou como o esperado, os processos de resistência foram constantes e intensos resultando na necessidade de os empreendedores transportarem mão de obra vinda de outras regiões. A presença do imigrante sertanejo (nordestino) vai se tornar uma realidade na vida dos povos indígenas que haviam sobrevivido ao longo de séculos na floresta tropical.

A reação dos indígenas em não aceitarem a noção de trabalho controlado do homem branco mais uma vez torna-se parâmetro de classificação desses sujeitos. Ao se recusarem e resistirem, passam a ser denominados como homens preguiçosos, mas, se para eles não havia essa a necessidade de trabalhar para acumular riquezas, não fazia sentido participar de tal atividade econômica<sup>118</sup>.

Os relatos dão a entender que esses homens não trabalhavam porque a natureza lhes dava de tudo quanto precisassem e, isso lhes deixava em uma condição de comodismo, por não precisarem fazer esforço para adquirir algo. Para os viajantes, esse era um grave problema, pois o meio em que viviam os condicionava à preguiça e ao ócio. Sendo este um obstáculo para a implementação do trabalho livre na região.

---

<sup>118</sup> “[...] a natureza, à época, ainda era a mãe e uma grande parcela da população, principalmente os ditos das classes inferiores, não precisavam pôr sua mão de obra à venda em troca de salário” (COSTA, 2013, p. 88).



Na sociedade industrial, podemos notar que o patrão exerce pleno controle sobre o empregado controlando o seu tempo, seja de trabalho, de alimentação, descanso e até de lazer. Isso ocorre porque o trabalhador necessita do salário para sobreviver no mundo industrializado. Na Amazônia, a realidade é outra, ora a sociedade não é movida pelo capital, vivem ainda em um sistema de trabalho coletivo e de troca, um sistema de subsistência.

Fato é que o verdadeiro incômodo se tratava da dificuldade que o europeu encontrou de exercer domínio sobre esses habitantes da mesma forma que ocorreu sob o trabalhador em uma sociedade capitalista. Por serem considerados indivíduos sem disciplina de trabalho e ineptos ao controle do tempo, não possuem horários de expediente e tampouco interesse pelo trabalho assalariado, foram alvos de críticas e estereótipos de inferioridade. Contudo, a pegadinha dessa teoria é que sequer a Europa em sua totalidade vivia esse tempo de desenvolvimento industrial, ao contrário, algumas regiões tinham realidades bem diferentes do que os viajantes defendiam ser o modelo ideal de mundo, mas ainda assim essa era uma forte exigência em relação aos homens amazônicos.

A imagem construída buscava mostrar a distância que esses povos tinham de uma sociedade industrialmente moderna, sendo a tecnologia um marco do progresso nesse período. Ao se depararem com concepções de moral, tempo e trabalho na Amazônia, foram difundidas críticas e criadas teorias que legitimassem o combate a esses estilos de vida.

Os textos de viagem se constituem em peças fundamentais para entender o que pensavam a elite desse século e sobretudo, a ideia de mundo que queriam construir no futuro. “[...] esses relatos são importantes porque revelam a dimensão de uma realidade desejada por sujeitos históricos, cúmplices de segmentos da classe dominante da região” (COSTA, 2013, p. 86).

Tal realidade desejada foi alcançada em partes, porque por longos anos esse perfil do homem e do espaço amazônico predominou sem grandes questionamentos no campo científico. Mas como toda fonte de conhecimento, necessitam ser confrontadas para comprovar sua fidelidade à história original. Que negligentes seríamos se não questionássemos o que encontramos nesses relatórios. Era preciso dar aos homens amazônicos o papel de protagonistas de suas próprias histórias.

### **Considerações Finais**



Do olhar estrangeiro nasceu a Amazônia, e ela foi educada a acreditar que era uma filha que dependeria sempre dos cuidados da mãe, a Europa. Afinal, não teria condições de crescer e se manter sozinha, pois não saberia escolher o que era melhor para si.

Mas como uma boa adolescente rebelde, não acreditava em tudo que lhe era contado. As tensões entre as proposições por esses viajantes e o mundo amazônico aconteciam, os nativos recusaram essa guarda. E como ajuda, contaram com o próprio mundo natural, a floresta, tinha escolha própria e exigia certas habilidades para a sobrevivência que em nada lembrava o mundo industrial, “moderno”.

É claro que muitos desses confrontos encontram-se distorcidos ou silenciados nos relatos oficiais das viagens científicas, para isso o pesquisador precisar ter a sensibilidade de recorrer a diferentes fontes na tentativa de preencher as lacunas que foram deixadas nos registros da história oficial.

Como já falamos, o pesquisador-escritor tem o poder de determinar o que será lembrado pelas próximas gerações, e por isso deve exercer com cuidado o ato de escolha do que irá definir como merecedor de ser retratado em seus textos. Sabendo disso, compreendemos que o que encontramos nesses relatos são uma representação do homem amazônico e não uma verdade absoluta. Representam o que lhe foi considerado conveniente para os seus interesses.

A negação desses grupos sociais de seguir um padrão de vida imposto pelo estrangeiro é o ponto chave da construção de uma Amazônia problemática. O que vemos é a omissão das culturas e modos de vida das comunidades amazônicas. Em virtude dessa omissão, tornou-se importante desmistificar o imaginário inventado, de um local cujos habitantes eram degenerados, desprovidos de cultura e moral, ociosos e preguiçosos. O “novo mundo”, não era tão novo assim, possuía vida tão velha quanto os outros lugares espalhados ao longo do globo.

Ao estudar os diferentes momentos e naturalistas que estiveram na região e analisar os aspectos da vida humana na Amazônia, percebemos que esses conceitos e ideias foram repassados ao longo dos anos e se tornaram cada vez mais concretos no imaginário popular.

Ao longo de vários séculos, a Amazônia conseguiu despertar o interesse de muitas pessoas, seja por motivos políticos, econômicos ou científicos. Os objetivos a serem alcançados na região foram transformados à medida que o tempo passava. Entre os diferentes perfis criados para o homem amazônico, o do século XIX consistiu em um sujeito que precisava de tutela, no entanto, percebe-se que tal interpretação tratava-se



apenas de um papel criado no roteiro científico em voga. O progresso da região não dependeria da perseguição aos modos de vida e costumes dos nativos, mas de um reconhecimento da realidade e necessidades existentes na região.

Mas ao refletirmos essa mesma Amazônia, com os olhares do nosso tempo, podemos enxergar uma região rica não apenas do aspecto natural e econômico, mas principalmente humano e cultural. Apesar das inúmeras tentativas de silenciamento e extermínio, as culturas locais mantiveram-se vivas, sendo repassadas entre as gerações.

Seu perfil ainda carrega muito do estereotípico criado no século XIX, mas as resistências e lutas chegam aos meios de comunicação e as ruas. A história desses povos é escrita e desenhada no meio das grandes cidades como forma de combate ao imaginário de homens imorais, sem cultural e preguiçosos.

As Amazônias ainda vivenciam tentativas de controle e dominação, os discursos se modificam com o tempo, mas o interesse no retorno econômico-político que representa permanece influenciando em medidas exploratórias. As invasões de terras indígenas, o trabalho semiescravo, o desmatamento, a criação de garimpos ilegais, entre tantos outros mecanismos de violência seguem sendo regidos e legitimados por discursos científicos que apontam serem atitudes necessárias para que possam levar a região ao desenvolvimento e progresso que essa necessita alcançar.

Os séculos de exploração da terra e do homem na Amazônia despertam a preocupação de escrevê-la sobre outro olhar, sobre o reconhecimento de que a região possui vida que precisa ser vista e ouvida. Mas temos o cuidado de reconhecer, por fim, que este trabalho é fruto de um tempo e de noções de mundo próprio. Portanto, seu objetivo principal não é criar uma teoria a ser seguida fielmente, mas despertar inquietação sobre os problemas vividos no passado que se refletem no futuro, para que essa análise resulte em ações de resistência nos mais diversos campos da sociedade brasileira e do mundo.

A Amazônia do século XIX foi silenciada nos discursos oficiais, mas seus descendentes ainda gritam por seus espaços. O imaginário construído deve ser questionado, para que possa ser ressignificado pelos protagonistas dessa história.

**Data de Submissão:** 04/03/2023

**Data de Aceite:** 26/05/2023



## Referências

AGASSIZ, Louís; AGASSIZ, Elizabeth. **Viagem ao Brasil: 1865-1866**. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2000.

ALBUQUERQUE, Gerson Rodrigues; NENEVÉ, Miguel; SAMPAIO, Sônia Maria. **Literaturas e Amazônias: colonização e descolonização**. Rio Branco: Nepan Editora, 2015.

ALBUQUERQUE, Kassiane Nascimento da Silva. **Paisagem e representação: a Amazônia nos relatos do casal Agassiz (1865-1866)**. 2013. 120p. Dissertação de (Mestrado em Geografia) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2013.

BARREIRO, José Carlos. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX: cultura e cotidiano, tradição e resistência**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BATES, Henry Walter. **O Naturalista no Rio Amazonas**. Trad. Candido de Mello Leitão. Vol. 2. São Paulo: Cia Editora Nacional, 1944.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário sobre a Amazônia: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa**. 2002. 197p. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

COSTA, Hideraldo. **Cultura, Trabalho e Luta social na Amazônia: Discurso dos Viajantes – Século 19**. Manaus: Editora Valer e Fapeam, 2013.

LIMA, Carla Oliveira de. **Natureza, Cultura e Imaginário nos relatos de Alfred Russel Wallace, Louis Rodolph Agassiz e Elizabeth Cabot Cary Agassiz**. 2008. 200p. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2008.

PRATT, Mary Louise. **Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação**. São Paulo: EDUSC, 1999.

WALLACE, Alfred Russel. [1823-1913]. **Viagens pelo Amazonas e Rio Negro**. Trad. Basílio de Magalhães. Brasília: Senado Federal, Conselho Editorial, 2004. (Edições do Senado Federal; v. 17).